

A fantasia como recurso diante de um diagnóstico mortífero

Francês, Igor; Bacchini, Alessandro Melo; De Vilhena, Junia

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Francês, I., Bacchini, A. M., & De Vilhena, J. (2015). A fantasia como recurso diante de um diagnóstico mortífero. *Revista Desafios*, 1(2), 136-148. <https://doi.org/10.20873/ufv.2359-3652.2015v1n2p136>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer CC BY-NC Lizenz (Namensnennung-Nicht-kommerziell) zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den CC-Lizenzen finden Sie hier: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.de>

Terms of use:

This document is made available under a CC BY-NC Licence (Attribution-NonCommercial). For more information see: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

A FANTASIA COMO RECURSO DIANTE DE UM DIAGNÓSTICO MORTÍFERO

FANTASY AS A RESORT WHEN FACED WITH A DEADLY DIAGNOSIS

Igor Francês
Alessandro Melo Bacchini
Junia de Vilhena

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

RESUMO

Freud começou sua jornada em direção à noção de fantasia em sua obra seguindo os passos de Gradiva, a jovem que avança, uma figura mitológica originária de um romance. Desde já, ele percebe que a narrativa literária é capaz de trazer à tona, sem necessidade de argumentações ou contraprovas, noções de difícil aceitação, como os processos envolvidos na formação dos sonhos e do delírio. Neste estudo seguiremos esta tradição freudiana para analisar um caso clínico atendido por um dos autores, mesclando elementos do delírio imaginativo com trechos da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Narraremos aqui a história de um jovem diagnosticado com HIV/Aids, lançado à fúria das águas infernais sem uma única moeda para entregar ao barqueiro. Com o apoio virgiliano, nosso herói atravessou os campos Elíseos em busca de um fim, ou de um recomeço.

Palavras-chave: Fantasia, Psicanálise, Machado de Assis, HIV/AIDS

ABSTRACT

Freud began his journey towards the notion of fantasy in his work by following the steps of Gradiva, the woman who walks, a mythological figure originated in a novella. Henceforth, he realizes that literary narrative is capable of surfacing notions that are difficult to accept – with no need for argumentation or counterproof – such as the processes involved in the formation of dreams and delirium. In this study we will follow Freudian tradition in order to analyze a clinical case assisted by one of the authors, mixing elements of imaginative delirium with passages from *The Posthumous Memoirs of Bras Cubas*, by Machado de Assis. Here, we will tell the tale of a young man diagnosed with HIV/Aids, tossed into the fury of the infernal waters without a single coin to give to the ferryman. With Virgilian support, our hero crossed the Elysian Fields in search for an end, or a new beginning.

Keywords: fantasy, psychoanalysis, Machado de Assis, HIV/AIDS

Recebido em 03/02/2015. Aceito em 15/04/2015. Publicado em 03/07/2015.

INTRODUÇÃO

A dificuldade com começos motivou este texto a falar do *fim*; de um fim encerrado em diversas significações, das quais trataremos duas, que como autores nos incomodam: destino e

encerramento. Não um destino mítico, mas um lugar-fim de uma jornada. Foi seguindo os graciosos passos de Gradiva, a jovem que avança, em direção ao templo de Ceres, que Freud (1906) começou a trilhar sua jornada a caminho da noção de fantasia em sua obra. Desde já, ele percebe que a narrativa literária é capaz de trazer à tona, sem necessidade de argumentações ou contraprovas, noções de difícil aceitação, como os processos envolvidos na formação dos sonhos e do delírio.

É a partir do delírio imaginativo, [o devaneio, o sonho acordado, a fantasia], que propomos o percurso deste trabalho, apropriando-nos de um caso clínico de um dos autores desse texto, publicado em trabalho anterior (Moreira et al., 2014) e de fragmentos do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, escrito por Machado de Assis, em 1881.

Aqui será contada a história de um jovem diagnosticado com HIV/aids, que foi lançado à fúria das águas infernais sem uma única moeda para entregar ao barqueiro. À procura de apoio virgiliano, atravessou os campos elísios, em busca de um fim. “*Para mim, o futuro reserva apenas o fim...*” Assim começa o discurso de Renato¹. “*Há 200 milhões de anos (sic), a Terra era dominada pelos dinossauros que simplesmente [num dia de sol ou chuva, quem sabe?] desapareceram*”:

Renato falou que acredita na evolução da humanidade a partir de uma outra civilização anterior, como por exemplo, a egípcia e que, tal qual os dinossauros, desapareceu. Assim é o destino, feito de ciclos que se fecham para dar espaço a novos recomeços. Tudo acaba um dia, tudo começa outra vez. Falou de outras civilizações para ilustrar seu discurso, citando Incas, Maias e Astecas. Continuou dizendo que acredita que essa nossa civilização está prestes a terminar, mas que o ciclo se renova. Outra irá aparecer. E no futuro, segundo ele, existirão homens com poderes de levitar e fazer teletransporte e os carros seriam como nos Jetsons, fazendo referência ao desenho animado produzido por Hanna-Barbera.

Não é de qualquer forma que se inicia a história de Renato, mas de uma forma grandiosa, com os soberanos senhores das terras do éden. Uma história que se inicia muito antes da história da humanidade e se projeta em um futuro *sci-fi*. Renato foi longe em sua busca por respostas e nos levou junto. Estivemos numa terra aterrorizada por monstros gigantes que só vimos e vemos ou nos cinemas ou nos museus. Tentaremos retratar o contexto dos atendimentos, esclarecendo que o mais importante é esta narrativa elaborada por ele sobre a origem e destino das civilizações.

¹ Nome fictício, de origem latina, que significa Renascido.

NO COMEÇO, A POSSIBILIDADE...

Renato esteve internado no quarto andar do Hospital Universitário João de Barros Barreto, na cidade de Belém do Pará, mais especificamente no setor do hospital reservado aos pacientes portadores de doenças pulmonares e correlatas. Ele reclamava de dores no peito, e até então não obtivera resposta sobre seu quadro diagnóstico. Por vezes, ouvira que não tinha nada; que sua saúde estava ‘perfeita’. Após peregrinação pelo sistema público de saúde, deu entrada naquele setor com suspeita de pneumonia. Mais tarde, recebeu o diagnóstico de pneumocistose (infecção causada por fungo que ataca principalmente pessoas com o sistema imunológico comprometido). Foi quando escutou (como ele próprio relatou) da boca de seu médico responsável: “*Vou pedir seu exame de HIV, pois acho que você pode estar com aids*”.

Aquilo era uma possibilidade. Renato apresentava aquela possibilidade como o *fim*. Ao dizer que “*se eu tiver com HIV, cara, é o fim, eu tô morto (...)*”, ele estava falando em aceitar a morte naquele diagnóstico. Como assim, aceitar a morte? O resultado do HIV não é recebido apenas como diagnóstico de uma doença, mas como a sentença fatal proferida diante de um crime. Traz consigo peso do estigma social e as marcas contemporâneas da morte (Francês, 2011, p. 39).

Renato não era um escritor, tal qual Brás Cubas (que era um defunto autor). Ainda assim, sua narrativa sobre a origem e o fim das civilizações pareceu uma forma, encontrada por ele, para expressar que, mesmo aceitando a morte, não queria morrer, - por isso sua ideia sobre o destino da vida. A partir da “possibilidade diagnóstica” que lhe foi jogada no peito [no lugar onde mais sentia a dor], ele precisou estruturar uma defesa; uma possibilidade de futuro; uma possibilidade no [des]conhecido. Mesmo afirmando que o natural é morrer, é o fim das civilizações (posto que depois vem outra), há um renascimento, uma nova possibilidade. Com isso, encontrou uma forma de buscar “conforto” no [dis]curso da História.

AS VÁRIAS LEITURAS...

Geralmente, antes do início dos atendimentos, Renato encontrava-se mergulhado em suas leituras. Inclusive, aqui, cabe o questionamento: não teria sido de uma dessas leituras que ele tirou as ideias sobre as civilizações [e seu fim]? Aproveitando, então, essa possibilidade,

usaremos a literatura para alcançar um outro fim: “*Engana-se, replicou o animal, nós vamos à origem dos séculos*” (Machado de Assis, 2008, p. 21). Nossa referência é o capítulo intitulado O delírio, do livro Memórias Póstumas de Brás Cubas, escrito em 1881, por Machado de Assis. Nesse capítulo é relatado o momento anterior à morte de Brás Cubas. É ele quem diz: “*Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência mo agradecerá*” (Machado de Assis, 2008, p. 20).

Segundo Meyer (2008), o capítulo “é uma página desenvolvida com lógica rigorosa, cheia de intenções pessoais e de uma ironia transparente”, além de apresentar um claro sentimento ambivalente de vertigem e sarcasmo. O imenso absurdo que é a Natureza para Brás Cubas resume-se num “delírio” que provoca o riso, justamente pela fina ironia com que o defunto-autor nos envolve em sua narrativa. Para Meyer (2008), a ironia funciona como uma defesa da razão, uma reação à fatalidade cega, “pobre vingança de condenado”. A resposta para o que espera Brás após sua morte é a voluptuosidade do nada; uma reflexão da vida superficial descrita pelo narrador Brás Cubas, com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, apresentada como desfecho, indicando que o ser que nos habita, esse estranho familiar, é aquele que deseja ser.

Para Freitas (2001), com o surgimento da Psicanálise, o discurso do sujeito refuta o pensamento cartesiano, descentrando-o de si mesmo e o apresentando como um desconhecido diante de si – alguém que não é senhor de seu próprio destino. Assim, a prática freudiana, segundo o autor, é uma prática teorizada que pretende ir além do dado fenomenológico de uma clínica do sintoma; é uma prática que pretende saber sobre a ficção e a fantasia associadas à linguagem e sobre a singularidade do ser humano. O autor nos afirma que se “Machado [de Assis] não tinha a compreensão psicanalítica do discurso shakespeariano ou goetheano, como escritor, segundo Freud, estava muito mais capacitado a falar da mente humana” (Freitas, 2001, p. 15).

A interpretação se impõe permanentemente correlacionada à polissemia da palavra, ao fato ambíguo que produz um conhecimento baseado no equivoco e na dúvida, que não descarta, pelo contrário, valoriza a incerteza e a ambiguidade. Através da obra literária podemos indicar um lugar de decifração do inconsciente. Pela psicanálise, pode-se valorizar a sublimação através da interpretação do discurso artístico, percebendo a presença das fantasias que originam a plasticidade das inúmeras formas que o ser humano utiliza para se apresentar

socialmente. A escritura é, em primeiro lugar, um ato de narcisismo, e em segundo, um ato de generosidade (Freitas, 2001, p. 49).

Maia Neto (2007), afirma que a narrativa de Brás n’O delírio mostra o momento de maior lucidez do narrador, quando Brás se transforma em defunto autor. Discorrer sobre o próprio “delírio” é motivo para Brás Cubas vangloriar-se, referindo-se ao ineditismo de sua narrativa. É somente na transformação em defunto autor – e não autor defunto –, que Brás Cubas pode, através da morte, narrar a própria vida. Isso é fundamental para a compreensão do capítulo e da obra, pois é a reflexão do morto que dá sentido à própria vida.

Meyer (2008) nos chama a atenção para o fato de que tal capítulo não deve ser destacado de seu contexto. É necessário compreender o todo para que cada parte faça sentido. “Destacado assim do contexto e lido à parte, como atestado de virtuosismo literário, parece um *morceau de bravoure* para fecho de programa- ouve-se o eco antecipado das palmas” (Meyer, 2008, p. 27). O discurso delirante de Brás Cubas se desenvolve como um pretexto literário (mais como um recurso linguístico – estilístico); apresenta-se como uma narrativa fantástica, uma vez que, como defunto-autor, o narrador despe-se da “vergonha” para livremente poder construir seu discurso. Ele entrelaça presente, passado e futuro, estabelecendo ao longo da narrativa uma relação fática com o leitor, hesitando, segundo ele, se deveria abrir suas “*memórias pelo princípio ou pelo fim*” (Machado de Assis, 2008, p. 15). Vê-se que é pela ironia que ele introduz o seu “delírio”.

Para Meyer (2008, p. 152), o capítulo “*é um jogo de imagens contrastantes que se entrededoram e anulam (...)*”. Brás aparece, inicialmente, como um barbeiro chinês, transformando-se, em seguida na *Suma Teológica* de São Tomás, e depois retomando a forma humana para ser levado, por um hipopótamo falante, até a origem dos séculos. Como fragmentação da realidade, o hipopótamo aparece como um elemento alegórico que conduz Brás Cubas a uma viagem sem destino. Nas “*reflexões de cérebro enfermo*”, Brás não deixa escapar que sentia “*umas tais ou quais cócegas de curiosidade*” (Machado de Assis, 2008, p. 23) quando se refere às origens tão misteriosas dos séculos.

Andando na direção contrária do tempo, ultrapassando o Éden, Brás Cubas depara-se com uma figura de mulher, um vulto imenso, numa cena em que a tragédia anuncia-se pela boca da Natureza, personificada numa Pandora gigantesca e cruel, que se diverte em uma imagem paradoxal. É importante lembrar que a figura de Pandora é citada por Hesíodo (2006) que a indica como um “presente” de Zeus aos homens, – em retaliação ao furto do fogo

sagrado –, uma coisa má com a qual todos ficarão felizes, cercado de amor o próprio sofrimento.

O encontro com Pandora dá-se num silêncio desolador tal qual o de um sepulcro, no qual Brás Cubas é apresentado ao espetáculo da existência: “*Velozes e turbulentas, as gerações se sobrepunham às gerações, umas tristes, como os Hebreus dos cativos, outras alegres, como os devassos de Cômodo, e todas elas pontuais na sepultura*” (Machado de Assis, 2008, p. 26). Nota-se a semelhança, aqui, com o discurso de Renato que também vai à origem das civilizações. Os ciclos descritos, que se fecham para o velho e se abrem para o novo, apresentam-se como o determinismo natural que Brás Cubas cola em Pandora ao dizer que ela não é somente a vida, como também é a morte.

UM POSSÍVEL PERCURSO PELA FANTASIA

De acordo com os comentários do editor inglês James Strachey, o trabalho de Freud intitulado *Escritores criativos e devaneio* foi originalmente uma conferência realizada em 6 de agosto de 1907 nos salões do editor e livreiro de Viena chamado Hugo Heller. No entanto, sua versão completa foi publicada no início de 1908 em um periódico literário de Berlim. O interesse fundamental deste estudo está no exame realizado por Freud sobre a fantasia, tomando como ponto de partida a produção literária.

O escritor cria um mundo fantasioso, no qual investe uma grande quantidade de energia, mantendo, porém, uma separação da realidade. Através do disfarce do caráter dos seus devaneios egoístas, o escritor “*nos suborna com o prazer puramente formal, isto é, estético que nos oferece na apresentação de sua fantasia*” (Freud, 1908[1907], p. 142). A fantasia flutua, dessa forma, entre os três tempos: em um primeiro passo, o trabalho psíquico adere a uma impressão atual – uma ocasião motivadora no presente [e aqui seria evidente indicar, no caso de Renato, o comunicado diagnóstico], para então retroceder às memórias de experiências anteriores, criando uma situação referente ao futuro: “*dessa forma, o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une*” (Freud, 1908[1907], p. 142).

No fantasiar, há um domínio total do sujeito, ele pode manter a relação com seus objetos imaginários da forma que melhor lhe apraz. É uma tentativa de retornar ao estado de completude. Não obedecendo ao princípio de realidade, a fantasia descarta a necessidade de

ajustar o desejo do sujeito com o desejo do outro. A atividade do fantasiar não segue as regras do princípio de realidade. Ao entrelaçar os tempos, Freud aponta a fantasia regida pelo processo primário. Assim, “*a fantasia, a imaginação desenfreada e louca do escritor, trabalha com esse saber profundo, íntimo e estranho da memória, com suas marcas vivas e ativas, capazes de reorganizar e trazer à tona uma imagem do passado e ‘mostrá-la’ novamente*” (Pontalis & Mango, 2014, p. 96).

Em sua publicação, Freud (1908 [1907]) inicia sua análise chamando atenção para a o trabalho criador do escritor, capaz de impressionar e despertar emoções. Indaga-se se seria possível a descoberta de como se daria essa atividade de criação a nível psíquico, delineando-se para tanto, um paralelo entre a atividade literária e o brincar infantil. Nesse texto, Freud interpreta o brincar infantil como algo que a criança leva a sério e pode, assim como o escritor, moldar o mundo a uma nova forma que lhe agrada. Tendo isso em vista, a brincadeira não é antítese do que é sério, mas sim do que é real, e a criança a distingue da imaginação fazendo do brincar uma combinação entre ambas: imaginação e realidade.

O que interessa neste ponto é a conexão que se dá entre o brincar infantil e o devaneio adulto. O brincar da criança “(...) é determinado por desejos: de fato, por um único desejo – que auxilia seu desenvolvimento -, o desejo de ser grande e adulto” (Freud, 1908 [1907], p.151). Difere-se do adulto basicamente no fato de que se espera que ele não continue a brincar, mas que atue no mundo real. Além disso, alguns desejos adultos necessitam ser ocultos, visto a incompatibilidade com o mundo real. Dessa forma, suas fantasias o envergonham, por serem justamente infantis (Freud, 1908 [1907]). De fato, a fantasia como a realização de um desejo, análoga ao processo onírico, revela forças que motivam e impulsionam a fantasia como busca de uma correção da realidade insatisfatória.

O desejo infantil de ser grande pode ser encontrado de forma ainda mais detalhada na obra de Freud quando ele escreve um ano depois o texto sobre os Romances Familiares (1909[1908]). Na parte inicial deste texto, Freud afirma que os pais representam autoridade única e fonte de todos os conhecimentos para a criança pequena. O desejo desta é o de igualar-se ao progenitor do mesmo sexo. Posteriormente, a criança conhecerá outros pais que colocará em comparação aos seus em uma atitude crítica, chegando ao ponto de preferir certos aspectos de outros que não os seus genitores. Ou seja, a partir do desenvolvimento intelectual da criança, ela descobrirá gradualmente a categoria a qual seus pais pertencem, e os pequenos

descontentamentos servirão como meios para críticas. Entra cena então um jogo de afetos em relação ao sentimento dos pais para consigo (Freud, 1909[1908]).

O momento que se segue, raramente lembrado conscientemente - a não ser pela psicanálise e atividade imaginativa -, é chamado por Freud de *romance familiar do neurótico* e consiste basicamente no afastamento do neurótico de seus pais. Analisa Freud:

Essa atividade emerge inicialmente no brincar das crianças e depois, mais ou menos a partir do período anterior à puberdade, passa a ocupar-se das relações familiares. Um exemplo característico dessa atividade imaginativa está nos devaneios que se prolongam até muito depois da puberdade. Se examinarmos com cuidado esses devaneios, descobriremos que constituem uma realização de desejos e uma retificação da vida real. Têm dois objetivos principais: um erótico e um ambicioso (Freud, 1909 [1908] p.244).

Com este trecho, vemos que o romance familiar da criança nasce de um amor frustrado e de sua ambição, mesmo que, como afirma Freud, o objetivo erótico da ambição esteja comumente oculto (Freud, 1909[1908]).

Tal tema é de grande importância no trabalho de Coutinho Jorge (2008) ao demarcar o *ciclo da fantasia* que se estenderia até 1911. Nele, Freud tematiza a questão da fantasia em diversos trabalhos dedicados a tratá-la em suas mais variadas manifestações. Na relação com o sintoma e o ataque histéricos, com as teorias sexuais infantis e com a criação literária –, tendo como função promover essencialmente uma satisfação que, mesmo negada pela realidade, é exigida pela pulsão.

Na Conferencia XXIII (1916), Freud afirma que a fantasia escapa ao teste de realidade, uma vez que ela é princípio de prazer, mesmo que se dê a partir de uma experiência do sujeito. As fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade, sendo a primeira uma realidade decisiva (Freud, 1916, p. 74). Pela fantasia, o sujeito goza da sensação de ser livre da compulsão externa, há muito renunciada pela realidade, uma vez que ela, a fantasia, está apartada do princípio de realidade. Por fim, ele apresenta a arte como um caminho que conduz a fantasia de volta à realidade. Freud nos chama a atenção para um aspecto da fantasia ao afirmar que há uma desatenção dada à diferença entre a realidade e a fantasia:

Somos tentados a nos sentir ofendidos com o fato de o paciente haver tomado nosso tempo com histórias inventadas. A realidade parece-nos ser algo como um mundo separado da invenção, e lhes atribuímos um valor muito diferente. Ademais, também o paciente enxerga as coisas por esse prisma, em seu pensar normal. Quando apresenta o material que conduz desde os sintomas às situações de desejo modeladas em suas experiências

infantis, ficamos em dúvida, no início, se estamos lidando com a realidade ou com fantasias (Freud, 1916, p. 370).

A articulação que Freud faz entre sintoma e fantasia está justamente o fato de que os dois, tanto sintoma quanto fantasia, representam a realização de um desejo. Se o desejo não pode ser realizado, por influência das instâncias repressoras, então o sintoma é uma satisfação substituta de uma fantasia de desejo, uma formação de compromisso entre duas tendências psíquicas opostas. Ainda segundo Freud, a fantasia é fundamental, pois não se pode subsistir com a escassa satisfação que a realidade externa pode oferecer.

Nesse sentido, cremos ser prudente comparar, e isso não é ideia nova, o escritor e a criança que se apresenta nos leitos hospitalares. É um Renato-criança (não à toa o futuro se configura como um desenho animado infantil), fragilizado pelo diagnóstico, marcado pelos estigmas da doença, que narra tais ciclos; que se posta diante da morte anunciada por um enigma que “vem acompanhado sempre de um *decifra-me ou te devoro*”. Encarar a túnica preta e a foice da figura sem rosto coloca-nos diante de nossa própria finitude (Francês, 2011, p. 24). A vida segundo as palavras de Renato, essa nossa civilização, estava prestes a terminar. O tempo da fantasia é constante, segundo Freud (1906), já que entrelaça presente, passado e futuro. Ou seja, algo do passado (infantil) é reativado, permitindo ao sujeito criar um futuro que representa a realização do desejo.

Segundo Nasio (2006), a realidade psíquica é recoberta de fantasia; é o nosso modo corporal de tratar o real. É na própria estrutura do sujeito que se dá o suporte imaginário para construir a fantasia. Dito de outra forma, a fantasia é uma construção imaginária que se dá pela experiência vivida do sujeito.

A fantasia é uma ação que se organiza seguindo os contornos do objeto pulsional pela qual o sujeito se precipita, foge para mais adiante. Assustado com a ocorrência, angustiado diante do enigma do desejo do Outro, o sujeito se restabelece com uma imagem que lhe vai servir de apoio. Pois, sendo a fantasia uma construção, não se pode construí-la do nada, são necessários materiais e modelo (Nasio, 2006 p. 72).

São as experiências vividas e vívidas que deixam marcas inconscientes no sujeito, como produtos da busca pela satisfação pulsional, combinando verdade e imaginação, cuja atividade se constitui pela cena primária, na qual o corpo se encontra fixado na realidade. Assim, pode-se pensar a fantasia como uma satisfação imaginária dos desejos, devido a seu

caráter particular. O conceito aparece diversas vezes na obra de Freud a partir de diferentes explicações: fantasias conscientes, inconscientes, pré-conscientes, porém todas elas possuem em comum a satisfação substituta da realidade não satisfeita.

Para Roudinesco & Plon (1998), fantasia é o termo usado por Freud a partir de 1897, primeiro no sentido que a língua alemã lhe confere – a ideia de fantasia ou imaginação –, e depois como um conceito. Assim, a fantasia aparece como correlato da elaboração de realidade psíquica e abandono da teoria da sedução, designando a vida do sujeito e a maneira com que ele é capaz de representar para si mesmo a sua história ou a história de suas origens. Nesse sentido, deve-se atentar para um caráter fundamental presente em Freud já no texto sobre os *Escritores e a fantasia* - em relação ao desejo infantil de ser grande e ao desejo do adulto voltado para condutas infantis, ou melhor, para seu narcisismo primário -, a saber: o recurso pela fantasia no sentido de obturar uma ferida narcísica vivida pelo sujeito.

POR UM FIM EM RECOMEÇO

Em *Construções em análise*, Freud (1937) pondera que o trabalho de [re]construção apresenta uma semelhança profunda com o trabalho do arqueólogo que desenterra uma casa destruída e soterrada ou um monumento do passado. Dessa forma, podemos pensar que a fantasia nos serve, uma vez que retoma essas memórias soterradas, como suporte de ressignificação. Desenterrando os ossos de dinossauros, e enfrentando seus *fantasmas do meio dia*, Renato pode estabelecer seu destino pela própria reconstrução, já que depois de cada vida, começa outra. E foi assim que as histórias foram se misturando. Enquanto Brás Cubas diante da morte queria viver, e assim pede alguns anos à Pandora, Renato, ao contrário, queria morrer. Mas, aproveitando outra vez o discurso de Brás: “*Eu que meditava ir ter com a morte, não ousei fitá-la quando ela veio ter comigo*” (Machado de Assis, 2008, p. 51).

Desse modo, Renato viaja pela história das civilizações até chegar ao futuro, que, para muitos seria desconhecido, para ele não o é. Então, a possibilidade da morte [o fim] se transformou no *fim*, em um novo começo. E dessa forma, diante do umbral das terras infernais, a Renato foi exigido que deixasse do lado de fora toda a sua esperança. Mas, não! Não deixou. Seguiu sua jornada, e saiu fortalecido, mesmo que Pandora lhe tenha negado minutos daquela vida, ele responde: *É... é uma nova vida que começa...*

Renato parece ter incorporado sua história filogenética do destino da vida, quando afirmou que tudo acaba para dar lugar a algo novo que necessita começar. Foi esse movimento, proporcionado por sua narrativa fantasística, importante nessa ressignificação da situação traumática, que foi o resultado diagnóstico. O impacto da descoberta provocou uma ruptura, inserindo Renato num mar em fúria. A escuta analítica, ao que tudo indica, serve de bússola em meio a essa tempestade. No encontro com Caronte, podendo oferecer uma única moeda pela travessia, há duas possibilidades: deixar-se levar às terras infernais e lá permanecer, ou, como um herói grego, usar de todas as suas armas para voltar ao mundo dos vivos.

Aceitando e lutando por essa segunda possibilidade, há que se dizer – essa *nova vida que começa* marca o fim de um ciclo. O seguinte, porém, precisa ser tomado por mudanças significativas, que para ser superado necessita de apoio. É notório que o trabalho da psicanálise traz resultados importantes, apresentando-se como uma importante ferramenta no tratamento a pacientes recém-diagnosticados com HIV/aids. Já em *A psicoterapia da histeria*, Freud (1895) indicou o poder da fala (pela narrativa do evento traumático), através da livre associação, como efeito satisfatório no alívio da situação de angústia, pelo escoamento do *afeto estrangulado*, possibilitando a eliminação dos sintomas e a ressignificação da cena traumática. Renato é um bom exemplo de paciente que indica essa possibilidade de elaboração do trauma reinscrito no diagnóstico de HIV/aids. Mesmo que se tenha no imaginário da epidemia a equação *aids igual à morte*, é possível escolher a vida.

Uma das nossas inquietações foi saber o que levou Renato a elaborar, através da fantasia, seus desejos de morte e transformá-los em desejos de vida. Consideramos que a relação transferencial possa possibilitar um recurso defensivo àquele sujeito, pois pareceu não haver transferência com o saber médico. Por fim, é importante salientar que, mesmo que a morte seja inegável e inevitável, somos compelidos a eliminá-la de nossas vidas, uma vez que “(...) no inconsciente, cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade “(Freud, 1915, p. 299). Aceitar a possibilidade da morte é deixar desabrochar, pelo oráculo, a ferida imposta a Narciso. Assim, pode-se afirmar que se o luto se dá diante da morte, o trabalho de elaboração (e reconstrução) se dá diante da vida.

REFERÊNCIAS

- COUTINHO JORGE, M. A. 2010. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.2: A clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FRANCÊS, I. 2009. *Hiv: da possibilidade à aceitação – paciente e terapeuta frente ao diagnóstico*. Projeto de Mestrado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Pará.
- FREITAS, L. A. P. de. 2001. *Freud e Machado de Assis: interseções entre psicanálise e literatura*. Rio de Janeiro: Mauad.
- FREUD, Sigmund. 1895 - *As psiconeuroses de defesa*. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Vol.3, 1996.
- _____ 1906 – *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen*. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Vol.9, 1996.
- _____ 1908[1909] - *Escritores e fantasia*. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Vol.9, 1996.
- _____ 1915 - *O Inconsciente*. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Vol.14, 1996.
- _____ 1916 – *Conferencia XXIII*. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Vol.16, 1996.
- _____ 1937 – *Construções em análise*. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Vol.23, 1996.
- HESÍODO. 2006. *Teogonia: A origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras.
- MAIA NETO, J. R. 2007 - *O ceticismo na obra de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. 2008. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo.
- MANGO, E. G.; PONTALIS, J.-B. 2014 – *Freud com os escritores*. São Paulo: Três Estrelas.
- MEYER, A. 2008 - *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio/ABL.
- MOREIRA, A. C. G.; FRANCÊS, I.; BACCHINI, A. M. & SILVA, R. D. C. 2014. Cuidados no diagnóstico de HIV/AIDS: a escuta psicanalítica como dispositivo clínico no hospital geral. In: MOREIRA, A. C. G.; OLIVEIRA, P. de T. R. de.; PIANI, P. P. F. 2014. *Cuidado e saúde: práticas e sentidos em construção*. Belém: Paka-Tatu.
- NASIO, J. D. 2007. *Fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ROUDINESCO, E. 1998. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Igor Francês

Doutorando em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Mestre em Psicologia Clínica e Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA), membro do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental (LPPF – Belém/PA) e pesquisador Associado do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e

Intervenção Social – LIPIS/PUC-Rio. Pesquisador financiado com bolsa de Doutorado pela CAPES.

E-mail: igorfrances@yahoo.com.br

Endereço: Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social – LIPIS/PUC-Rio - R. Marquês de São Vicente, 225 - Gávea, Rio de Janeiro - RJ

Alessandro Melo Bacchini

Doutorando em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Mestre em Psicologia Clínica e Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA), membro do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental (LPPF – Belém/PA) e pesquisador Associado do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social – LIPIS/PUC-Rio. Pesquisador financiado com bolsa de Doutorado pela CAPES.

E-mail: ambacchini@yahoo.com.br

Endereço: Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social – LIPIS/PUC-Rio - R. Marquês de São Vicente, 225 - Gávea, Rio de Janeiro - RJ

Junia de Vilhena

Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio. Coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social - LIPIS da PUC-Rio. Psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Pesquisadora correspondente do Centre de Recherches Psychanalyse et Médecine, CRPM-Pandora. Université Denis-Diderot Paris VII. Investigadora-Colaboradora do Instituto de Psicologia Cognitiva da Universidade de Coimbra.

E-mail: www.juniadevilhena.com.br; vilhena@puc-rio.br

Endereço: Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social – LIPIS/PUC-Rio - R. Marquês de São Vicente, 225 - Gávea, Rio de Janeiro - RJ